

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comunidade BrasileiraClass.: ALX - Duques / VisitasData: 29/03/88Pg.: 108

Na convivência com os índios, Mick aprendeu sua língua e foi aceita tanto pelos adultos como pelas crianças

Mick, a homenagem inédita dos índios

Pela primeira vez no Xingu uma senhora não indígena foi homenageada pelos índios Cayapó com um festival especial em sua memória. Esse festival é unicamente levado a efeito em honra dos mortos considerados ilustres. Seu nome era Miriam Elizabeth Stout, mas "Mick" era o apelido que lhe deram os índios de diversos grupos lingüísticos do Xingu e de outras áreas. Seu nome Cayapó era "Nhak Nhum".

Ela viveu com eles, aprendeu sua língua, contribuiu para desenvolver sua escrita e literatura através de alfabetização na língua materna e ajudou na tradução do Novo Testamento. Em suma, ela se integrou à comunidade indígena, pela qual foi totalmente aceita e muito contribuiu.

Neste mês, há um ano, ela morreu em paz enquanto dormia, em virtude de uma insuficiência cardíaca após haver dedicado a maior parte de sua vida adulta ao serviço dos índios brasileiros. Por ocasião do seu funeral em Brasília, onde índios de diversas tribos acompanharam o cortejo fúnebre e carregaram o esquife, um índio Cayapó disse: "Alguém precisa substituí-la". Isto, porém, em muitos sentidos era uma solicitação impossível. Jamais alguém poderia substituir Mick. Ela foi única em demonstrar

seu amor desprendido e prestou um tipo de serviço a seu semelhante, ao próximo, considerado extremamente raro.

Esta americana sulista de fala melga impressionava a todos que encontrava, não só pela sua altura, como também pela determinação de ajudar até mesmo quando ela própria estava sofrendo.

Quem era ela? Era a filha de um presidente já aposentado de uma firma de poupança, no estado de Flórida. Por um tempo seu pai, Colin, e sua mãe, Lulu, vieram para o Brasil a fim de ajudar no trabalho do Instituto Lingüístico de verão, do qual Mick era membro.

Era bacharel em Química, com estudos de pós-graduação em Antropologia e Lingüística e dois mestrados, um em Teologia e outro em Educação. Possuía brevê e era também musicista.

Fez estudos lingüísticos prolongados em três tribos do grupo Jê: Caingangue, Apinagé e Cayapó. Estudou e comparou muitas das outras línguas desta família, incluindo Cren Acaroré. Publicou quatro artigos técnicos de lingüística. Escreveu um artigo comparativo das línguas Jê e quando morreu tinha um artigo antropológico no prelo descrevendo a jornada Cayapó.

Se alguém deseja saber algo sobre ela, pergunte a Raoni, o mais conhecido chefe da aldeia Cayapó, onde morou por muitos anos, ou então pergunte às enfermeiras e médicos dos hospitais de Brasília, onde os índios são tratados, ou então aos índios da Casa do Índio onde sempre ia quando na cidade levando para eles alguma coisa de que precisavam ou que desajassem como batata doce, banana. Ou então, pergunte aos funcionários da Funai.

Nos últimos meses antes de seu falecimento, permaneceu em Brasília para cuidar de sua mãe, ocasião em que desenvolveu um projeto novo dentro do Instituto Lingüístico, de assistência a índios de qualquer tribo que, por alguma razão se encontrassem em Brasília precisando de ajuda.

Em Brasília, além do Cayapó, ajudou índios Cayabi, Camalurá, Waurá, Apinagé, Cren Akaroré, Crincati, Suruj, Suyá, Xerente, Rikpaktsa, Xavante, Carajás, Cramó e outros. Ela estava compilando um pequeno livro fonético de frases importantes de dez dessas línguas para uso de médicos e enfermeiras pois muitos que vinham para tratamento só falavam sua língua materna.

Por que fez isto? Era uma devoção completa a Deus e a seus amigos especiais — o povo indígena brasileiro.